

CARTA ABERTA

ARNAUD FERREIRA BALTAR

Não repares, meu caro Antônio Sales,
O modo familiar como te trato;
 A mim somente é grato,
Afeito a remansosa paz dos vales,
Servir-me da maior sinceridade
 Para contigo; e creio
Que essa etiqueta, toda de cidade,
Não se compara ao nosso campo cheio
De verdura, de pássaros em coro,
Aonde a terra inteira regorgita
De seiva. Alem, de queda em queda, o choro
D'agua que corre... E esse veeiro d'agua,
Longe de ser uma expressão de mágoa,
 É a vida que palpita,
Panteisticamente inebriante.
A mata cheira... E o mato embriagante,
Prenhe de uma floração de várias cores,
Acolhe no seu seio os beija-flores,
Em busca, em cata do seu doce beijo,
 Que mata de desejo,
Tornando tudo, tudo, prazenteiro
A qualquer alma humana ou vegetal,
Como as doces risadas de cristal
 Do Melro de Junqueiro.
Na cidade se vive de artifício,
 Alimentando o vício,
O jogo, os cabarés, onde se aprende
Um palanfrório frouxo de piegas,
 Que ao paladar ofende
Como o vinho ordinário das bodegas,
Preferindo-se toda essa vileza,
Não as cousas mais sãs da natureza,
Onde se bebe o verdadeiro amor
Até mesmo no cálice da flor,
Onde insetos se casam plenamente,
Sem tentação nenhuma para o crime,

Porque o amor é a cousa mais sublime,
É a luz, é o sol, deslumbradamente,
O sol fecundo, o sol da inteligência,
Maravilhoso drama,
Que sobre nós, que em tudo, se derrama.
—Deus—a grande unidade da existência!
Eis tudo; e além de tudo se profana
A natureza—mãe piedosa e boa—,
Não sei porque, se ela não nos magoa
E dela todo o nosso bem dimana.
Maldizer de quem morre a própria sorte
É puro engano; não existe morte.
Pois tudo se transforma,
Muda apenas de forma;
E nessa aluvião de átomos que passa,
Na transitoriedade da fumaça
Ligeira que em segundos se destrói
Aos nossos olhos, adiante reaparece.
E um corpo que apodrece,
Em vida embrionária, se constrói.
Gosto do campo ubérrimo, da flora.
Corre-me o pensamento à Pirapora,
E voa como um pássaro, depressa,
Para às Musas fazer uma promessa,
Qual seja a de escrever versos um dia
À luz da fantasia,
Todo um poema sonhar,
Que assim pudesse em mágicos cismares
Cantar, em rimas de oiro os verdes mares
Da terra de Alencar.
De lá me veio a plástica precisa,
A doce inspiração, a idéia viva,
A idéia que fulgura
E que jamais aqui se concretiza;
Porque a pena cativa,
Por mais que se liberte da tortura,
Sofre duros reveses,
Numa xifopagia de Siameses,
Presas, sujeitas à rebeldia crassa
Que esmagou, que aviltou toda uma raça.
Maldito cativoiro!
Insisto; e a um novo esforço, pouco a pouco,
A pena se reanima, e no tinteiro,
De prazer quasi louco,
Molho-a, mergulho-a nesse negro banho,

Penso, divago, escrevo,
Com a simplicidade com que apanho
Uma folha de trevo.
Bravo! Tudo sazona. No arvoredor
Acorda o passaredo,
Numa canção maviosa,
Hinos de amor cantando à primavera
Do casulo a sair, como uma rosa,
Loira, para a existência, que isto espera.
Bendigo o amor, a síntese do Mundo.
O verde mar profundo
Ama também, beijando a branca praia
—A praia, que por si só vale um poema—,
Falando a mesma língua da Jandaia
Que inda chama Iracema.
Adeus!... encosto a lira, arde-me o peito...
Longe de minha terra... E contrafeito,
Choro na intimidade do meu ser,
Triste, bem sei, por não poder viver
A vida alegre que vivi na infância,
Cheia daquela mais doce ignorância
Que a mão do tempo, desgraçada e bronca,
Aniquila, destrói, mata e derriba,
Como à margem do velho Paraíba
As árvores, que a enchente ultriz destronca.

(Fortaleza, 8 de Junho de 1922.)
